

O ENCONTRO ATEMPORAL COM O DUPLO EM 'O HOMEM FEITO', DE FERNANDO SABINO

Ellen Margareth Dias Ribeiro ARAÚJO

RESUMO

Este artigo propõe discutir, sob a perspectiva do tema do duplo, a novela O homem feito, de Fernando Sabino. A análise destaca o encontro do homem com o menino e a relação que se estabelece entre eles, aproximando a ocorrência do duplo aos devaneios e aos símbolos que integram a narrativa. A simbologia compõe o cenário no qual acontecem os fatos e aponta, através da multiplicidade de sentidos, para as pistas deixadas pelo autor ao longo da trama. Como fundamentação teórico-crítica em filosofia, psicologia e psicanálise, utilizaremos os estudos de Clement Rosset e Michel Guiomar, Otto Rank, Sigmund Freud e Yves Pélacier. As considerações sobre o duplo na literatura serão feitas a partir de Nicole Fernandez Bravo e Ana Maria Lisboa de Mello. A novela O homem feito tem um enredo misterioso e intrigante no qual o imaginário e o simbólico misturam-se para compor o quadro para tão inusitado encontro.

PALAVRAS-CHAVE:

Fernando Sabino; Encontro; Duplo; Simbologia

ABSTRACT

The article was published, from a perspective of the theme of the novel, a novel The Man Made, by Fernando Sabino. The analysis highlights the encounter of the man with the boy and the relationship that is established between them, bringing the occurrence of the disc closer to the daydreams and the symbols that integrate a narrative. The symbology composes the scenario unaccompanied by facts and points, through the multiplicity of meanings, as the clues left by the author throughout the plot. This study is in the study of Clement Rosset and Michel Guiomar. Otto Rank, Sigmund Freud and Yves Pélacier. The questions about the health plan are made from Nicole Fernandez Bravo and Ana Maria Lisboa de Mello. The novel Man Made has a mysterious and intriguing plot in the imaginary and human symbolism to compose the picture for such an unusual encounter.

KEYWORDS:

Fernando Sabino; Meeting; Double; Symbology

INTRODUÇÃO

*Bola de meia, bola de gude
 “Há um menino
 Há um moleque
 Morando sempre no meu coração
 Toda vez que o adulto balança
 Ele vem pra me dar a mão [...]”
 (Milton Nascimento)*

Fernando Sabino destacou-se em todos os gêneros de ficção, cultuando, com a mesma habilidade e desenvoltura, o romance, o conto, a novela e, principalmente, a crônica. Os temas preferidos são sobre a fragilidade humana em situações extremas e aflitivas, indo dos mais cômicos e insólitos dramas do cotidiano às questões psicológicas de maior intensidade, caso de *O homem feito*, novela publicada pela primeira vez na coletânea *A vida real* (1952). Ele explica em *O tabuleiro de damas*, livro autobiográfico, que “queria me apanhar dormindo e penetrar no mistério de alguns sonhos, para através deles descobrir o que se ocultava atrás da realidade” (SABINO, 1988, p. 51).

É importante destacar a predileção do escritor pelo tema da infância que, muitas vezes, aparece em conflito com o mundo adulto ou como algo que precise ser resgatado. A partir de *O homem feito* (1952), as relações homem-menino e menino-homem tornam-se uma constante na obra de Fernando Sabino e serão retomadas com características similares em *O menino no espelho* (2003). Nessa obra, o protagonista é o menino Fernando, que conta suas aventuras de criança e do encontro com o “homem” e com o “menino do espelho”:

[...] Estava empenhado nisso, quando senti que havia alguém em pé atrás de mim. Uma voz de homem, que soou familiar aos meus ouvidos, perguntou:

— Que é que você está fazendo?

[...] Gostei daquele homem: ele sabia uma porção de coisas que eu também sabia. Ficamos

conversando um tempão, sentados na beirada da caixa de areia, como dois amigos, embora ele fosse cinquenta anos mais velho do que eu, segundo me disse. (SABINO, 2003, p. 12-13)

[...] Sorriu para ele e ele para mim. Mais do que nunca me vem a sensação de que é alguém idêntico a mim que está ali dentro do espelho, se divertindo em me imitar. Chego a sentir o calor da palma da mão dele contra a minha. Fico sério, a imaginar o que aconteceria se isso fosse verdade. Quando volto a olhá-lo no rosto, vejo assombrado que ele continua a sorrir. Como, se agora estou absolutamente sério? Um calafrio me corre pela espinha, arrepiando a pele: há alguém vivo dentro do espelho! Um outro eu, o meu duplo, realmente existe! Não é imaginação, pois ele ainda está sorrindo, e sinto o contato de sua mão na minha, seus dedos aos poucos entrelaçarem nos meus. (SABINO, 2003, p. 77)

O romance *O menino no espelho*, publicado anos depois de *O homem feito*, traz a infância do próprio Fernando Sabino, o qual recupera o tema do duplo em dois capítulos, cujos excertos foram transcritos acima. Percebe-se que a relação homem-menino está presente em ambos os textos e que acompanhou o escritor em toda sua trajetória. O escritor mineiro acreditava que era preciso preservar a inocência e a imaginação da criança no adulto. Daí a insistência do escritor em reiterar essa estreita relação, ao proporcionar o encontro entre eles nas obras citadas.

Em *O homem feito*, Fernando Sabino revela as angústias do homem contemporâneo e seus momentos de incomunicabilidade. O vazio e a solidão como tentativa de refugiar-se do mundo e de reencontrar-se consigo mesmo. O homem em busca de si mesmo é o que movimenta o enredo.

Numa atitude extrema, o narrador personagem abandona sua vida na cidade e opta pelo isolamento numa montanha onde busca refúgio numa cabana velha e abandonada. Os motivos para essa escolha não ficam claros na narrativa. Porém, à medida que a história avança, vão aparecendo elementos que, aliados a sua forma de agir, acabam fornecendo pistas valiosas sobre seu real estado psicológico e possíveis hipóteses para tal atitude. O local que ele escolhe para viver completamente isolado do convívio social é importante componente da trama e reflete seu estado emocional.

A montanha e a cabana são ambientes familiares que fizeram parte de outro momento de sua vida. O que ele gostaria de reviver ali? O que ele estaria buscando? São questões fundamentais na narrativa. Além disso, o comportamento estranho e imprevisível do homem vai delineando seu perfil de pessoa atormentada e desequilibrada.

Fernando Sabino, através da simbologia habilmente trabalhada no enredo, faz com que locais, objetos, ações do personagem ou elementos da natureza tenham um significado próprio. Decifrar esses sinais é um prazer à parte ao acompanhar a trama. O que não impede a compreensão de um leitor menos atento ou menos experiente.

A novela é dividida em parte I e parte II. Possivelmente, nessa divisão, a intenção do autor teria sido ilustrar a cisão do eu. A primeira parte fala do homem, a segunda parte trata do encontro e de sua relação com o menino. O encontro com o menino pode ser considerado a grande reviravolta na história, uma vez que transforma o cotidiano do homem solitário. O menino possibilita ao homem o resgate de sua infância, dos sentimentos de ternura e lirismo.

Mas, a situação muda quando um antigo amigo do homem, que mora na cidade, sobe a montanha a fim de convencê-lo a retomar sua vida. Esse é o ponto crucial da trama. Através desse episódio, Fernando Sabino põe em evidência

o que realmente ocorre ali: o menino desaparece e ficamos sabendo que o nome do protagonista é Luís – o mesmo nome do menino. O homem e o menino eram a mesma pessoa, cumprindo o encontro do presente com o passado. A partir daí, Luís, o homem, começa a perceber que a presença do menino ameaça seu equilíbrio e amadurecimento pessoal.

O final da novela é surpreendente e altamente simbólico e sugestivo. A duplicidade menino-homem / homem-menino é resolvida quando Luís “deixa” o menino na montanha e volta para a cidade, seu lugar.

O DUPLO NA LITERATURA

A duplicidade do eu é um tema que faz parte da cultura humana e é bastante recorrente na literatura. Os escritores sempre perceberam no desdobramento do ser um interessante aspecto a ser explorado em suas histórias. Refletir sobre as angústias e inquietações humanas faz parte do imaginário da literatura desde a antiguidade.

O tema do duplo foi abordado por Platão em *A República* (1997), através da alegoria da caverna, a qual reflete duas realidades: o mundo real (sensível) e o mundo ideal (inteligível), sendo o primeiro uma simples e imperfeita representação do segundo. Essa alegoria ilustra a condição do homem dividido entre o verdadeiro conhecimento e a sombra, a enganação.

Em *O Banquete* (2002), no decorrer do discurso de Aristófanes, Platão expõe o mito do homem andrógino. Ele explica a origem da natureza humana e o motivo pelo qual os homens foram punidos por Zeus e divididos em masculino e feminino. Daí nasce o amor, que é o desejo e a procura pela metade perdida. Na religião, o mito bíblico trata da divisão do homem, após a expulsão do paraíso, em corpo e alma, matéria e espírito.

No século XVI, o antropocentrismo e o racionalismo restituíram a unidade original, substituindo aquela visão do homem cindido e castigado pelos deuses.

Prevalecia a ideia do homogêneo, da unidade. Na obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, a ideia do heterogêneo volta a ser representado na literatura, evidenciando a dualidade constitutiva do personagem principal: Dom Quixote e Sancho Pança encarnam o duplo heterogêneo que se complementam. Mas é no Romantismo que a representação do duplo atinge seu melhor momento.

O conjunto dos fenômenos chamados de desdobramento de personalidade deu origem a inúmeras obras literárias, como também a inúmeros comentários de ordem filosófica, psicológica e, sobretudo, psicopatológica, já que o desdobramento de personalidade define também a estrutura fundamental das mais graves demências, tal como a esquizofrenia. O tema literário do duplo aparece com insistência particular no século XIX (Hoffmann, Chamisso, Poe, Maupassant e Dostoiévski são os seus ilustradores mais célebres); [...] (ROSSET, 1979, p. 74).

A literatura romântica torna-se um campo fértil para a representação do duplo, pois valoriza o inconsciente, o sonho, o símbolo, a subjetividade, o egocentrismo e a morbidez. Tudo isso num clima de mistério e ambiguidades. Os personagens são indivíduos cindidos, melancólicos e desencantados pela vida. Eis o cenário propício à aparição do “outro”, que pode vir representado de diferentes maneiras: sócias, irmãos gêmeos ou não, sombra, retrato ou a imagem refletida no espelho.

O gênero fantástico mantém uma forte ligação com o tema do duplo e com o Romantismo por utilizar elementos insólitos, oníricos e fantasmáticos em oposição à realidade empírica. Segundo Ana Maria Lisboa de Mello, “o fantástico coaduna-se com o espírito de inconformismo dos românticos em relação aos valores estabelecidos e à consequente busca de uma nova estética na cultura ocidental [...]” (2000, p.117).

O duplo instala-se justamente na cisão do eu romântico, que atormentado pelos dramas existenciais, vê no “outro” a possibilidade de expressão e de pertencimento.

No século XX, a literatura continua a trabalhar o duplo heterogêneo, mas sob as influências dos estudos psicanalíticos desenvolvidos por Otto Rank e Sigmund Freud. Assim, o duplo é reconhecido como paranoia, esquizofrenia; resultado de distúrbios psíquicos no desdobramento do eu cindido, em busca da verdadeira identidade. Nicole Bravo ratifica que

a busca da verdadeira identidade é, de uma ou de outra maneira, o objetivo que persegue as histórias de duplo vistas dentro da perspectiva freudiana. A abordagem do inconsciente é, em tais casos, ‘o discurso do outro’, fornecido pelo duplo. (BRAVO, 1997, p. 280)

A literatura explora a busca pela verdadeira identidade através do duplo, que geralmente apresenta-se como o oposto do original, a sua outra metade. Assim, “outro” viria para completar, talvez superar as fraquezas e recalques do original.

Um dos primeiros estudiosos a teorizar sobre o assunto foi o psicanalista Otto Rank, na obra *O duplo* (2013), que utilizou os conhecimentos psicanalíticos com a finalidade de entender como ocorria a duplicidade do eu na literatura. Para isso, analisa os distúrbios psicológicos de autores como Fiódor Dostoiévski, Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant, E. T. Hoffmann, entre outros, e acredita que esses distúrbios seriam projetados na composição de seus personagens e na presença do duplo em suas obras. Rank também discute a simbologia do espelho e o mito de Narciso como diretamente ligados ao desdobramento do eu.

Freud retoma os estudos de Rank, em *O Estranho* (2010), discutindo a estranheza causada pelo duplo na literatura. O duplo é estranho por estar entre o

familiar (heimliche) e o não familiar (unheimliche), por ser algo conhecido, comum, que ficou reprimido e depois retorna provocando uma sensação desagradável e familiar. Para Freud (2010), o duplo é uma projeção do ego, aquilo que ele rejeita. Quanto à literatura, ele afirma que os escritores criativos têm liberdade para criar histórias usando desses expedientes porque “a ficção oferece mais oportunidades para criar sensações estranhas do que aquelas que são possíveis na vida real” (2010, p. 373).

Amparados em estudos anteriores, Yves Pélicier (1995) e Michel Guiomar (1967) procuram estabelecer novas tipologias e identificar as possíveis relações entre o sujeito e seu duplo, com base em textos literários clássicos. Mesmo assim, é impossível uma identificação completa que abarque toda a complexidade e variação que o tema do duplo assume na literatura moderna.

Na literatura brasileira, o duplo ganha destaque na segunda metade do século XX nas narrativas fantásticas de Murilo Rubião e Lygia Fagundes Telles, as quais representam, através da cisão do eu, a crise de identidade do homem moderno.

Percebe-se, nas narrativas mais contemporâneas, que o fenômeno do duplo surge como representação de uma cisão interna. Revela-se seguidamente como uma experiência inquietante, em que o sujeito se vê como outro eu em face de um ser com quem muito se parece. Esse encontro pode provocar angústia, mal estar e medo, nem sempre passíveis de equacionar. Pode significar também o encontro necessário para solucionar a divisão interna e levar ao alcance da unidade [...]. (MELLO, 2000, p. 121-122)

O encontro com o duplo, a que se refere Mello, é a forma que Fernando Sabino utiliza para revelar os dramas íntimos do protagonista de *O homem feito*. O menino surge para resgatar a infância do

homem e restituir-lhe a paz de espírito e a unidade.

O HOMEM E O MENINO

A novela *O homem feito* é dividida em duas partes, algo bastante sugestivo para o estudo pretendido, pois essa estrutura já antecipa a fragmentação do eu.

A primeira parte, o escritor mineiro dedicou ao homem. Nada é informado sobre ele: sua idade, seu nome, descrição física ou lugar de origem, dessa forma trata-se de um personagem sem nenhuma referência para o leitor. Outro fato que colabora para a ambiguidade é o foco narrativo em 1ª pessoa, que mostra a intenção do autor em destacar a subjetividade com que os fatos são narrados. A proposta é traçar o perfil psicológico do homem através de suas impressões pessoais e atitudes diante de certas situações. Logo, a novela está aberta a possibilidades de leitura, o que pode levar o leitor a questionar se os relatos são reais ou alucinações de uma pessoa atormentada por seus medos.

Ninguém mais me reconheceria. Não mais saberiam como eu fora. Quem se lembraria? Pelas ruas, gravata e sapatos, uma espera em cada esquina, o corpo vago e indeciso. Perdera tudo. Na cidade feita de ar eu girava sem forma, tocado pelo vento. Depois tudo perdido, tudo passado, tudo parado e morto. Meus pés se prenderam ao solo, enquanto o medo crescia com a barba no escuro do quarto e o sexo se encolhia como um pássaro. Alguma coisa me furtara ao convívio e destruiu a minha força. Que acontecera? Nada mais me sustentava. De repente levaram-me tudo, até meus pensamentos mais íntimos, e eu ficara perdido, sem esperança de dormir ou acordar. Então fugira para a montanha, deixando para trás a lembrança de meus dias. (SABINO, 2001, p. 16 - grifo nosso)

O trecho acima reflete bem o estado de espírito do homem ao chegar à montanha, o extremo pessimismo e desencanto pela vida. A reiteração do verbo perder acentua ainda mais sua condição de não pertencimento ao local de onde viera. A causa de seu isolamento não fica esclarecida, mas mesmo à distância, ele continua a temê-la. Há ainda algumas indicações da crise existencial na qual ele vive: “Quem se lembraria?”, “Que acontecera? Nada mais me sustentava.” Resta-lhe uma única saída: afastar-se do convívio social, de uma vida “concertada” para ele desde a infância.

[...] o que eu queria era morrer completamente, sem deixar o menor sinal de haver existido. Então odiava com força o meu passado, concertado durante séculos para que eu viesse um dia despenhar-me no vazio em que me achava. Odiava os invisíveis operários da mina que davam sinal de vida, odiava os homens e as mulheres da cidade para quem eu era apenas mais louco transviado que viera habitar a cabana da montanha. (SABINO, 2001, p. 19-20)

Chama-nos a atenção, o homem sentir-se familiarizado com o ambiente. Ele sabe porque escolheu aquele lugar. “Fiquei emocionado ao reconhecer a beleza da paisagem e sentei-me para contemplá-la.” (SABINO, 2001, p. 13). Um dado importante para o leitor que precisa colher pistas ao longo da narrativa. Sobre a aceitação do real, o filósofo Clément Rosset (1999, p. 11) afirma que “o real só é admitido sob certas condições e apenas até certo ponto: se ele abusa e mostra-se desagradável, a tolerância é suspensa”. No caso do personagem principal, a recusa da realidade faz com que abandone a vida na cidade e busque a proteção na montanha e cabana distantes. Segundo Rosset (1999), o homem procura uma proteção provisória do real, configurando o recalçamento¹.

Iludido, ele acredita que seus conflitos seriam deixados para trás. Essa esperança

é vã, pois o real continua presente em seus pesadelos e modos de agir. Ainda na primeira parte, o homem revela o lado infantil de sua personalidade e insinua um transtorno psicológico que mais tarde irá se confirmar no decorrer da trama:

Do alto da montanha, distante, íntimo de milhões de estrelas, eu olhava com a curiosidade de um menino para o planeta aonde viera ter por engano. [...] Olhava com prazer as nuvens dóceis e me lembrava das formas fantásticas que elas assumiam quando em criança me deitava no chão para melhor contemplá-las. [...] A ideia de estar dentro de uma nuvem me perturbava como seu eu tivesse vivido todos esses anos apenas para realizar o que sonhara na infância. (SABINO, 2001, p. 17-20)

As lembranças da infância trazem-na de volta. O menino aparece, mas foge. Fica observando o homem, que sente a sua presença. Nessa novela há uma representação do duplo distinta daquelas mais conhecidas (sombra, reflexo, retrato, sócias, gêmeos). Admitimos essa representação como um duplo heterogêneo, não reconhecido pelo original; é sua metade criança que vem ao encontro da metade adulta. Para Michel Guiomar (1967), é um duplo físico, pois trata de uma alucinação originada por uma patologia, pela dissociação da personalidade. Otto Rank (2013, p. 38) fala de “duas existências diferentes da mesmíssima pessoa” que aparecem como “criação subjetiva espontânea

da atividade doentia da fantasia”. Essa parece ser a explicação mais adequada à relação homem-menino. Podemos também considerar o estudo de Keppler (1972), agregado ao de Nicole Bravo:

O duplo é ao mesmo tempo idêntico ao original e diferente – até mesmo o oposto dele. É sempre uma figura fascinante para aquele que ele duplica, em virtude do paradoxo que representa (ele é ao mesmo tempo aqui e lá, é oposto e complementar), e provoca no original, reações emocionais extremas (atração/repulsão). De um e outro lado do desdobramento a relação existe numa tensão dinâmica. O encontro ocorre num momento de vulnerabilidade do eu original. (Keppler apud BRAVO, 1997, p. 263)

Todas essas considerações parecem se ajustar à representação do duplo na novela de Fernando Sabino. O mais intrigante são os encontros entre o eu e o seu duplo, os quais realmente acontecem em momentos de vulnerabilidade do homem e envolvem sentimentos contraditórios entre si. Alguns estão relacionados à saudade da infância, outros são momentos de extrema solidão e desespero ou, ainda, quando o homem comete algum ato reprovável, violento. Em determinado momento da trama, ao retornar à cabana, o homem vê um pássaro que se choca contra uma pedra e fica agonizando. Ele, num gesto que julga misericordioso, esmaga-lhe as tâmporas para acabar com o seu sofrimento. Como percebe o menino observando a cena, deixa o pássaro no chão e sai em seu enalço. Não conseguindo alcançá-lo, volta e constata que a ave havia desaparecido do local onde deixara.

Se aquela criança desejava atormentar-me, estava começando a atingir o seu propósito. Sentia-lhe a presença nos arredores da cabana como censura ao meu isolamento, acusação às minhas faltas, estímulo ao meu remorso. E por que fugia de mim? Que espécie

de crime, afinal, eu cometera, para que assim me castigassem? Que acidente no meu caminho me atirara ao chão, como o pássaro no seu voo interrompido? Também eu tombei agonizante e nenhum anjo desenganado vinha tomar-me nas mãos para o último gesto de misericórdia. Meu corpo restava agora abandonado, e o menino não vinha para buscar-me. (SABINO, 2011, p. 25-26 - grifo nosso)

O narrador relaciona a presença do menino a uma punição. Por que ele merecia ser punido? O que fizera de errado? O homem compara-se ao pássaro agonizante e questiona por que o menino não vem resgatá-lo também. A criança, paradoxalmente, é punição e salvação. Outra curiosidade é o uso do verbo “castigassem”, sugerindo que outras pessoas querem puni-lo.

Nicole Bravo (1997) apresenta outras modalidades de duplo. Entre eles, o duplo perseguidor e o duplo salvador que se encaixam perfeitamente no entrecho acima. O menino é composto dessa dualidade, a qual suscita o desejo de proximidade e, ao mesmo tempo, o antagonismo por parte do narrador. O eco, que Pélicier (1995) nomeia como duplo físico, ocorre no capítulo VII da novela, quando o homem chama pelo menino, mas quem responde é o som duplicado que vem do outro lado da montanha.

Viera ali desafá-lo com meus gritos e ele soava-me como alguém que eu imaginava semelhante a mim, colocado noutra serro e solitário como eu, nada podendo fazer senão me repetir... Cansado de gritar, pareceu-me que uma voz diferente, mais fina, de criança, é que vinha na voz que a montanha devolveia. [...] O menino se fora para sempre e eu me sentia abandonado como um pai.

___ Pai! – gritei.

1 O recalçamento é o mecanismo de defesa mais antigo, e o mais importante; foi descrito por Freud desde 1895. Está estritamente ligado à noção de inconsciente e é um processo através do qual se elimina da consciência partes inteiras da vida afetiva e relacional profunda. Disponível em: <https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/recalciamento-die-verdringung>. Acesso em: 20/06/2018

___ *Ai! – fez o eco, como um gemido prolongado, a perder-se além do mundo. [...] (SABINO, 2001, p. 30-31)*

Esse episódio configura uma verdadeira confissão de que o menino é ele mesmo, uma vez que a voz fina de criança não passa de uma projeção do seu inconsciente. Na sequência, uma hipótese: existiria um conflito entre o homem e seu pai. Teria sido na infância?

A passagem da primeira para a segunda parte da novela se dá com uma forte tempestade. Sozinho, com frio e muito medo, o homem encolhe-se num canto da cabana como uma criança. A diferença é que agora não pode buscar a proteção de sua mãe. Em pânico, levanta-se cambaleando, à procura do revólver. Nesse instante, ouve batidas fracas na porta. O seu duplo, o menino, chega para salvá-lo do suicídio. Guiomar (1967) confirma o que já dissemos sobre as aparições do duplo: ele aparece em momentos nos quais os problemas recalçados vêm à tona.

Simbolicamente, a tempestade significa a tormenta pessoal pela qual passava o homem naquele momento. O duplo vem para salvar, mas também para resgatar o que ficou recalçado em sua infância. O homem chama-o pelo nome como se já o conhecesse há muito tempo: “___ Também já fui um menino como você, Luís, pequeno e vadio... Hoje sou um homem.” (SABINO, 2001, p. 38). Completamente dependente do menino, o homem não sabe mais viver sozinho.

[...] Sozinho, a presença da montanha que vira os meus melhores dias era tão inútil como se eu estivesse o alto de uma torre ou no fundo de uma prisão. Então me dedicava ferozmente a seduzir-lo para que ele não se fosse, ou, indo, voltasse em tempo de salvar-me. (SABINO, 2001, p. 42)

Embora a companhia do menino lhe traga prazer ao reviver as velhas brincadeiras na montanha, de sua memória brotam

lembranças de situações conflituosas vividas na infância que desencadeiam sintomas de distúrbios psicológicos, envolvendo violência contra os animais da montanha, mentiras e dissimulações.

A chegada do visitante tem um papel fundamental na narrativa. Cabe a ele fazer com que o homem volte à realidade e perceba a situação em que se encontra e confirmar que o menino Luís não passa de uma projeção do seu original – o homem, que também tem o nome Luís. Fernando Sabino fez com que isso acontecesse de maneira bastante sutil. O visitante tem o objetivo de levar Luís (homem) de volta para a cidade, porém não é bem-vindo, pois sua presença ameaça a relação homem-menino. Então, eles são obrigados a conversar longe do visitante e, numa dessas ocasiões, Luís (o homem) é advertido pelo amigo de que pode estar ficando louco, porque fala sozinho.

A partir de agora, vamos nos referir ao homem como Luís e ao menino como “o duplo” ou “o outro”. Depois que o amigo vai embora, Luís começa a se sentir incomodado com o outro. De salvador, o duplo passa a opressor. O canivete é a última peça para completar esse intrincado quebra-cabeça. O duplo mostra um canivete velho e enferrujado que Luís reconhece como aquele que esquecera sobre um rochedo na montanha quando era criança. Nesse momento acontece o encontro atemporal do homem com o menino, ou seja, de Luís com seu outro eu – o menino de outrora. O duplo não quer entregá-lo a Luís; os dois discutem, Luís agride o outro e sai à procura de uma mensagem talhada em uma árvore, num dia de desconsolo.

O que aconteceu nesse dia de desconsolo na vida do menino Luís? O narrador não esclarece, mas acreditamos que esse acontecimento tenha contribuído para o apagamento, talvez forçado por um adulto, de sua metade criança.

Indeciso, parei à sombra de uma primeira árvore, sem saber como iniciar a busca. O acaso me fez olhar para cima, [...] E

somente assim eu descobriria que as árvores também crescem: a inscrição subira no tronco e estava agora acima de minha cabeça, em cicatrizes fundas e escuras, quase irreconhecíveis. Então era verdade, eu havia mesmo existido e vivido ali! [...] lembrava-me agora do dia, do esforço meticuloso e paciente em ferir a casca, da minha posição, o calor que fazia e o jeito que as coisas tinham ao redor. (SABINO, 2001, p. 65)

Freud, em *O estranho* (2010) ressalta que o fenômeno do duplo pode aparecer em todas as formas e em todos os graus de desenvolvimento. Além disso, a relação entre o original e seu duplo é acentuada por processos mentais compartilhados, como um mesmo sentimento, conhecimento e experiência de vida. Luís e seu duplo ainda compartilham o nome, a montanha, as brincadeiras, o canivete. Mesmo sendo ficção, não deixa de serem estranhas todas essas semelhanças. Chega a ser assustador, o fato de um canivete perdido há anos, ser resgatado do passado pelo duplo e disputado como se fosse algo muito precioso. O canivete do tempo de meninice de Luís seria o elo entre passado e presente, no qual o estranho se estabelece. Freud explica que

o estranho (unheimliche) não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar (heimliche) e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão. O inquietante ou estranho provém de algo familiar que foi reprimido. (FREUD, 2010, p. 340)

O canivete perdido há tempos é símbolo repressivo e atemporal, restituído pelo duplo a fim de proporcionar o encontro de Luís consigo mesmo e o encontro do desconsolo do passado com as angústias e os temores do presente. Esse encontro atemporal provoca o rompimento definitivo com a realidade psíquica, trazendo-o de volta à realidade material. A montanha, o canivete e a inscrição

fizeram parte de uma época apagada de sua mente por motivos não revelados, mas sugeridos pelo enredo. O encontro entre a criança e o adulto é o resgate desse passado, misto de liberdade e repressão. Dessa forma, o encontro entre Luís e seu duplo é o chamado à transformação.

Para que essa transformação ocorra, torna-se necessário libertar-se de sua metade infantil. Como o desligamento definitivo entre o original e seu duplo basicamente implica em morte, é preciso que o menino morra, para que o homem reencontre sua unidade perdida.

Fomos caminhando para o local do sacrifício de mãos dadas como dois amigos, como pai e filho, sentindo a evasão do mistério que por um instante nos anulava. Passei pela frente da cabana, consciente de que nunca mais voltaria ali. [...] Chegamos à vertente e descemos pelas pedras ao longo do fio d'água até o remanso que naquela tarde parecia mais plácido e transparente, a seduzir-nos. [...]. (SABINO, 2001, p. 73)

Como num ritual, Luís afoga o seu duplo no riacho e, assim, ele rompe com o passado, rejeita sua personalidade infantil e seus complexos. A morte do duplo é o renascimento do homem. O menino não existe mais, somente o homem feito.

A SIMBOLOGIA EM O HOMEM FEITO

Diante da análise apresentada, fica claro que é o jogo do duplo homem-menino que sustenta o enredo da novela de Fernando Sabino. Devemos, contudo, destacar os recursos estéticos que também colaboram para a construção de uma narrativa voltada para a ambiguidade, o mistério, o sonho e a sugestão, além de provocar no leitor a sensação de estranheza a que Freud alude em seu estudo.

Fernando Sabino soube, com maestria, numa linguagem clara, associar o fenômeno do duplo psíquico a símbolos

e imagens bastante significativos do começo ao final da história. Talvez o leitor desconheça ou não perceba esses sinais, o que não compromete seu entendimento, mas deixa, com isso, de usufruir da beleza estética propiciada por esses mecanismos, os quais fazem da leitura de *O homem feito* uma intrincada teia de significados.

O escritor imaginativo tem, entre muitas outras, a liberdade de poder escolher o seu mundo de representação, de modo que este possa ou coincidir com as realidades que nos são familiares, ou afastar-se delas o quanto quiser. Nós aceitamos as suas regras em qualquer dos casos. (FREUD, 2010, p. 372)

Sabino, escritor imaginativo que era, escolheu um cenário especial para que o mundo interior e o distúrbio psicológico do narrador protagonista viessem à tona. O distanciamento do mundo real (aos trabalhadores da mina e a cidadezinha ao pé da montanha) gera um vínculo mais forte com a realidade psíquica. Como Freud lembra, nós aceitamos as regras do universo ficcional e enveredamos também pelo universo surreal de *O homem feito*, em que a extrema subjetividade impede que tenhamos uma visão objetiva dos fatos. Para o escritor, não é preciso dizer. É preciso sugerir e deixar pistas pelo caminho para que o leitor possa buscar suas próprias respostas. Vamos a elas.

Começaremos pela dualidade fortemente marcada por elementos antitéticos: cidade / montanha; adulto / criança; maturidade / infância; presente / passado. Esses pares em oposição estão intimamente imbricados e se relacionam com a cisão do eu, representada pelo par homem / menino.

O ato de abandonar a cidade e viver na montanha pode ser interpretado de diversas maneiras: (1) A visão clássica aproxima essa atitude dos temas *fugere urbem, locus amoenus, aurea mediocritas*². O homem foge da cidade em busca de uma vida simples e de

idílio no campo. (2) A visão romântica entende que a busca por lugares ermos e solitários configura o gosto pela evasão – comportamento pessimista e egocêntrico de pessoas atormentadas à procura da paz de espírito. (3) A visão mítica aponta para a oposição entre o apolíneo e o dionisiaco³. O apolíneo está para a vida na cidade, amigos, trabalho, hora marcada, rotina. O dionisiaco está para o isolamento na montanha, para a libertação dos modelos impostos pela sociedade. Como elemento transgressor, o dionisiaco permite que os sentimentos e desejos reprimidos do homem sejam externados.

A visão romântica associada ao dionisiaco adéqua-se melhor ao perfil doentio e insano do narrador protagonista. O seu desprezo pela vida, os pesadelos, a dor existencial e a angústia, o desejo sexual reprimido, correspondem ao estilo romântico. Já a aparição do duplo seria a manifestação dionisiaca do inconsciente.

A simbologia, como forma de representação e por seu caráter aberto, possibilita interpretações pelo contexto da narrativa ou através de estudos autorizados nessa área. Os símbolos são fundamentais em *O homem feito*, pois o escritor oferece pistas daquilo que não foi dito sobre o perfil psicológico do homem. A relação significante e significado não pode ser feita de maneira objetiva,

² Termos em latim, referentes ao Arcadismo ou Neoclassicismo do século XVIII. Significam, respectivamente: fuga da cidade; lugar ameno, refúgio; vida medíocre, sem ostentação. Disponível em: www.soliteratura.com.br/arcadismo. Acesso em: 20/06/2018

³ Na mitologia grega, Apolo e Dionísio são filhos de Zeus. Apolo é o deus da razão. Enquanto Dionísio é o deus da loucura e do caos. O apolíneo é o lado da razão e do raciocínio lógico. Por outro lado, o dionisiaco é o lado do caos e apela para as emoções e instintos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolineo_e_Dionisiaco. Acesso em: 20/06/2018

usual; pelo contrário, há algo escondido, disfarçado que envolve estranhamento, mistério, fantasia. Durand assegura que

O símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a epifania de um mistério. A metade visível do símbolo, o significante, estará sempre carregado da máxima concreção [...] a outra metade do símbolo, a parte de invisível e de indizível que faz dela um mundo de representações indiretas. (DURAND, 1964, p. 12)

Não há necessidade de listarmos todos os significantes que, na realidade concreta ou mesmo onírica estejam presentes na narrativa. Buscaremos nestes significantes da realidade concreta – montanha, cabana, batidas na porta, árvore e água – o seu sentido secreto, o indizível. Todos esses símbolos compartilham da experiência vivida pelo narrador e carregam uma forte significação dentro da trama. Eles correlacionam a linearidade do enredo ao restabelecimento do equilíbrio psicossocial do personagem protagonista.

A montanha pode ser entendida como uma representação do self, onde se processam as revelações. Costuma ser um local de iniciação e corresponde ao eixo do mundo. A opção pela montanha certamente está relacionada à sua infância, à inocência, à liberdade, ao lugar onde era feliz. O homem busca o eixo de sua própria vida, tão desconcertada. A escolha de subir a montanha pelo lado mais íngreme, com pedras pontiagudas e plantas duras, retorcidas, denota uma vontade íntima de restaurar o equilíbrio perdido por meio do sofrimento; uma provação para chegar ao cume puro como uma criança. Descer a montanha em busca da civilização indica que determinados conteúdos que estão no inconsciente do homem querem retornar à consciência. Ou seja, ele desce a montanha determinado a retomar sua vida na cidade como homem feito. Portanto, a subida da montanha está para o inconsciente, o dionisíaco, enquanto a descida está para o consciente, o

apolíneo.

A cabana (uma espécie de casa), do ponto de vista simbólico, representa a nossa psique, ou seja, as várias instâncias da nossa mente consciente e inconsciente. Nesse sentido, a casa, assim como a mente, expressa o conteúdo cognitivo e emocional que nos constitui como indivíduos distintos do grupo. Psicologicamente falando, isso faz da casa um repositório das nossas vivências físicas, afetivas, intelectuais e morais. A casa também é um símbolo feminino, com o sentido de refúgio de mãe, de proteção, de seio maternal. Diante disso, podemos afirmar que a cabana representa muito mais que um refúgio, um abrigo, para o narrador. Pela descrição da cabana, torna-se fácil ligar o desequilíbrio emocional por que passa o personagem e o lugar escolhido como “casa”. A decadência da cabana combina com a decadência do indivíduo, de modo que ele a chama de “túmulo”, mas diz que ali iria viver. O homem busca proteção dos infortúnios do mundo exterior, não importando se o lugar está em ruínas. E essa proteção está tão relacionada à figura materna que na noite da tempestade, ele se encolhe num canto, em pânico, lembrando-se da mãe, que o acalentava em noites de tormenta.

As batidas persistentes na porta simbolizam conteúdos que foram deixados de fora da vida do ego vígil e que desejam ser ouvidos, solicitando sua participação na consciência. O menino (o duplo) procura o homem na cabana durante a tempestade. A porta representa a passagem da realidade material para a realidade psíquica, por isso suas batidas na porta configuram um pedido para se manifestar, estar junto do homem. Ao abrir a porta, ele dá essa permissão.

A árvore é um símbolo de centralização da psique individual, do self e que pode ser visto como o sustentáculo do mundo. A vida humana, o desenvolvimento e o processo de transformação da consciência às vezes são simbolizados pela árvore, que tem um significado mítico de guardião do tesouro. A procura pela árvore com a inscrição que fizera

quando criança para ele mesmo pode ser entendida como o resgate do seu passado, do que motivara aquela inscrição e que deve ser superado. A árvore, que na época era pequena, cresceu e se misturou com as outras na floresta, porque esse é o curso natural da vida: a transformação e o desenvolvimento. A árvore sustenta sua história, guarda seu tesouro, mas ela cresceu, tem suas raízes fincadas no chão, assim como deve acontecer com ele.

A água é o símbolo de maior significado em O homem feito. É o elemento que representa vida e morte, cisão e unidade, o confronto dos opostos no desfecho da narrativa de Fernando Sabino. De acordo com a interpretação de Mircea Eliade (1979),

a água comporta sempre uma regeneração. A imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das águas implica tanto a Morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado porque a dissolução é seguida de um “novo nascimento”, por outro lado porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida. (ELÍADE, 1979, p.147)

Quando Luís afunda o menino na água, a sua metade infantil volta para o inconsciente e ele renasce livre de seus complexos infantis. Agora é um homem feito e os tempos de infância são apenas recordações. O duplo morre e o homem renasce pelas águas cristalinas do riacho. Era hora de descer a montanha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação do desdobramento do ser na novela O homem feito, de Fernando Sabino, dentre todas as tipologias e aspectos levantados pelos estudiosos do duplo, difere daquelas mais conhecidas. Acreditamos se tratar de um duplo físico heterogêneo que ora se mostra salvador, ora opressor, o que coaduna com a dualidade que compõe toda a obra. Outra novidade é que temos uma duplicação

que foge do padrão de um espelhamento idêntico ou parcialmente idêntico entre o original e seu duplo. O menino, inocente e ao mesmo tempo ameaçador, agrega em si a causa dos transtornos psicológicos do homem. O desfecho da história também é surpreendente, uma vez que a morte do duplo, através do ritual de sacrifício na água, significa o resgate da unidade do homem.

As imagens simbólicas são outro aspecto bastante peculiar na narrativa, pois elas ali estão para dizer o que não foi dito pelo narrador e nos ajudam a acompanhar a transformação do menino em homem feito. Interpretamos algumas delas, a fim de ratificar sua importância na representação indireta dos fatos.

A narrativa moderna aborda o tema do duplo por meio da relação homem e sociedade. O duplo se estabelece quando essa relação não consegue se sustentar, reportando o indivíduo à ilusão do duplo como forma de fuga. O homem feito é fruto dessa nova configuração literária do tema da duplicidade do ser, a qual valoriza o sonho para encontrar a realidade.

REFERÊNCIAS

BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio,

1997, p. 261-287.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1964. Disponível em <http://docslide.com.br/documents/imaginacao-simbolica-gilbert-durand.html> Acesso em: 16/02/2017.

ELÍADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Trad. Maria Odozinda Oliveira Soares. Lisboa: Arcádia, 1979, p. 147.

_____. *Xamanismo*. Disponível em: <https://www.xamanismo.com.br/simbolos-mircea-eliade/> Acesso em: 14/07/2018

_____. *Dicionário de símbolos e sonhos*. Disponível em: <https://ahau.org/psicanalise-dicionario-de-simbolos-sonhos/> Acesso em: 14/07/2018

FREUD, Sigmund. (1917-1920) *O homem dos lobos e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. *Obras completas*. vol.14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 432 p.

GUIOMAR, Michel. *Principes d'une esthétique de la mort*. Trad. Alexandra Almeida. Paris: Corti, 1967.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *As faces do duplo na literatura*. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). *Discurso, memória, identidade*.

Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 2000, p. 111-123.

PÉLICIER, Yves. *La problématique du double*. Trad. Alexandra Almeida. Paris: Didier, 1995.

PLATÃO. *O banquete ou do amor*. Trad. J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

PLATÃO. *A república*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

RANK, Otto. *O duplo*. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SABINO, Fernando. *O homem feito*. In: *A vida real*. Rio de Janeiro: Record, 1952.

_____. *O menino no espelho*. 64 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, 208 p.

_____. *O tabuleiro de damas: trajetória do menino ao homem feito*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

SCARDUA, Angelita Correa. *Psicologias do Brasil*. Disponível em: <http://www.psicologiasdobrasil.com.br/author/angelita-correa-scardua/> Acesso em: 20/07/2018

Recebido em 24 Jun 2018 | Aprovado em 24 Jul 2018

Ellen Margareth Dias Ribeiro ARAÚJO

Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Desenvolveu pesquisa sobre a poesia do escritor modernista Oswald de Andrade, com ênfase na seção "Poemas inéditos" do livro *Poesias reunidas Oswald de Andrade*, lançado em 2017. Licenciada em Letras (Português e Inglês) pela UniEvangélica, Câmpus Ceres, em Goiás. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8189-8892>. E-mail: ellen_rib01@hotmail.com